

“L’ABRI NO BOSQUE”: NEGRITUDE COMO FOCO PARA INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E TERAPÊUTICAS

Manoel Nogueira Maia Neto ¹; Susana Kramer de Mesquita Oliveira ²

¹Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), membro do Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) e bolsista do projeto “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas”. E-mail: maianeto.mn@gmail.com; ² Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenadora do Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) e do projeto “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas”. E-mail: susanakmo@gmail.com.

Artigo submetido em Setembro/2017 e aceito em Novembro/2017

RESUMO

O projeto “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas” está associado ao Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). No semestre 2017.1, o projeto guiou-se pela temática “Negritude e Protagonismo Negro”, promovendo atividades, como: rodas de conversa, cinedebates e oficinas na universidade. O planejamento e a organização das ações foram embasadas no conceito psicodramático de Matriz de Identidade, definido como o processo de construção da identidade, que acontece em campo relacional, junto ao outro, sendo “o berço da consciência de quem somos e de quanto valemos” (FONSECA FILHO, 1999). As ações foram estruturadas em três momentos: 1) Identidade Eu-Tu (eu-mundo) indiferenciada; 2) Reconhecimento do Eu (distinção das experiências do eu-indivíduo e do mundo-externo); 3) Reconhecimento do Tu (possibilidade de conhecer os mundos pessoais de outros e, com isso, o seu próprio). A metodologia utilizada foi o registro em diário dos acontecimentos e das falas espontâneas dos participantes. Na análise desses dados, destacaram-se os conjuntos temáticos: “infância, racismo e reconhecimento da negritude”, “universidade, pertencimento e empoderamento” e “afetividade e solidão da pessoa negra”. O presente trabalho irá discutir os elementos de saúde mental que emergiram mais frequentemente a partir das intervenções realizadas, discutidas pela Matriz de Identidade e de outros conceitos que embasam o Psicodrama, enfatizando-se elementos de pertença, identidade e participação da comunidade negra em que foram desenvolvidas nas citadas atividades pelos textos de Malaquias et al (2016) e Santiago (2014), sendo também propostas futuras intervenções artísticas e terapêuticas na UFC.

PALAVRAS-CHAVE: Psicodrama; Negritude; Relações Interpessoais; Identidade.

“L’ABRI ON BOSQUE”: ‘BLACKNESS’ AS A FOCUS FOR ARTISTIC AND THERAPEUTIC INTERVENTIONS

ABSTRACT

The project “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas” is associated to the Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) of the Psychology School of the Federal University of Ceará (UFC). The project guided itself on the thematic “Black Concept and Black People Protagonism”, promoting activities such as: conversation wheels, movie debates and workshops. The actions planning and organization were based on the psychodramatic concept of Identity Matrix, defined as an identity construction process, which takes place in a relational

field, along with the other one, being “the cradle of awareness of who we are and how much we are worth” (FONSECA FILHO, 1999). The actions were structured in three movements: 1) Me-You Identity (I-world) undifferentiated; 2) Recognition of Myself (distinction between the experiences of the self-individual and the external-world); 3) Recognition of You (possibility of knowing the others personal reality). The methodology used was the daily recording of the events and the spontaneous speeches of the participants. In the analysis of these data, the

following themes were highlighted: "childhood, racism and recognition of 'blackness'", "university, inclusion and empowerment" and "affectivity and solitude of the black person". This work will discuss te elements of mental health that emerged most frequently from interventions, approached the Identity Matrix and other concepts that bases the

Psychodrama, emphasizing elements of belonging, identity and the black community participation where the mentioned activities were developed by the texts of Malaquias et al (2016) and Santiago (2014), besides that, also, future artistic and therapeutic interventions were proposed on the campus.

KEYWORDS: Design. Crafts. Clothing

INTRODUÇÃO

Vinculado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Federal do Ceará (UFC), “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas” é um dos projetos do Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI), cujo eixo temático é “Vínculo e Saúde Mental”, desenvolvendo suas atividades e intervenções pelo viés da abordagem psicodramática. Para o projeto, o foco escolhido para o semestre 2017.1, “Negritude e Protagonismo Negro”, se deu pelo seu valor de explorar, analisar e intervir na área de “Negritude e Relações Étnico-Raciais”, que ainda pode ser mais explorada pela Psicologia e, especialmente, pelo Psicodrama, estando aí sua contribuição original para comunidade científica e acadêmica.

Com base nas supervisões com a coordenação do projeto e em reuniões com outros parceiros, a proposta geral e as ações específicas foram sendo formuladas, tendo sido realizado um balanceamento das ações no final de 2017.1, seguindo de uma (re)estruturação da temática para o semestre seguinte, com base nos dados recolhidos e analisados. Foi proposto que as categorias “identidade”, “pertencimento” e “relações”, que são caras ao L’ABRI, fundamentassem a estrutura teórica do projeto, baseando-se diretamente no conceito de Matriz de Identidade, de Moreno.

Como aponta o próprio nome, esse conceito trata da formação da identidade, sendo definido por Fonseca Filho (1999), em Psicoterapia da Relação, como o berço da consciência de quem somos e quanto valem. Em um íntimo processo relacional com o outro, a matriz de identidade pode ser resumida em 1) Identidade do Eu: ‘eu’ e mundo são indiferenciados; 2) Reconhecimento do Eu: implica a distinção das experiências do eu- indivíduo e do mundo-externo; 3) Reconhecimento do Tu: abre-se aqui a possibilidade de conhecer os mundos pessoais dos outros e, com isso, mais o seu próprio.

2 RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

As atividades foram estruturadas em três momentos baseados na Matriz de Identidade: 1) O Eu-Negro ou “Tornando-se Negro”, em que as ações se voltaram para as experiências e vivências de cada um com sua negritude; 2) O Nós-Negro, cujo objetivo foi o de promover o “sentimento de comunidade” a partir de questões sócio-político-experienciais pertinentes ao coletivo negro, a saber, a luta antirracista e a necessidade de enegrecer as pautas dos movimentos sociais; 3) A Cultura Negra, tendo sido promovidos questionamentos em relação a suas diversas manifestações, como a contação de histórias e a dança. Mesmo com a citada divisão, os objetivos dos momentos se cruzavam, sendo a separação necessária apenas para a organização das ações.

As atividades ocorreram em diversos espaços da UFC, como o Bosque Moreira Campos (CH I), o Auditório José Albano (CH I), o Auditório Rachel de Queiroz (CH II) e o Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno (TU). Considerando as listas de frequência para as declarações dos ouvintes-participantes, 130 pessoas participaram das ações do projeto “L’ABRI no Bosque”.

O primeiro momento, o Eu-Negro ou “Tornando-se Negro”, teve o objetivo de trazer o compartilhamento das experiências de descobrimento da negritude e empoderamento negro tanto das facilitadoras quanto dos participantes, a partir do documentário “Ah, branco! Dá um tempo”, que propõe trazer o cotidiano e casos de racismo de estudantes pretos e pretas da Universidade de Brasília. O CineDebate proporcionou a discussão sobre os casos de racismo na infância, a ausência de representatividade legítima negra nas mídias de massa, o empoderamento na universidade, a estética negra e relatos próprios e de pessoas próximas sobre a desproporcionalidade de poder dos professores no ambiente acadêmico.

As atividades do segundo momento prosseguiram com as rodas de conversa “Lugar de fala, lugar de escuta: a pessoa branca na luta antirracista?”, “Lugar de fala, lugar de escuta: é hora de enegrecer os movimentos feministas?” e o cine debate “Negro lá, Negro cá”.

Os objetivos foram facilitar e discutir questionamentos raciais-identitários, sócio-políticos e emocionais acerca da negritude e suas vicissitudes, promovendo o sentimento de compartilhamento enquanto comunidade. Na primeira roda de conversa, sobre a luta

antirracista, os principais conteúdos que surgiram foram, novamente, a infância e o racismo (no contexto escolar), as relações inter-raciais – em que foi pontuada a negligência da pessoa branca em perceber seus privilégios sócio históricos e combater o racismo – e a importância dos coletivos negros para o seu empoderamento identitário.

Na roda de conversa “Lugar de fala, lugar de escuta: é hora de enegrecer os movimentos feministas?”, as facilitadoras e as/os participantes pautaram, em especial, os assuntos relacionados à animalização-objetificação do corpo feminino, à importância de pensar a interseccionalidade do sujeito (LGBT, negro, feminino), à representatividade “branca” da beleza pela mídia e a influência disso na infância, à estética preta como ferramenta de empoderamento e à afetividade da pessoa negra, que está diretamente relacionada ao longo processo histórico de “bestialização” do negro. No cinedebate “Negro lá, Negro cá”, os facilitadores (o diretor e um entrevistado do documentário) e estudantes africanos estrangeiros, ratificaram as questões sobre o “racismo cordial” brasileiro (piadas e máximas cotidianas, por exemplo), a estereotipia dos acadêmicos africanos (extremamente pobres, “maconheiros”, “com ebola”) e o machismo do qual as mulheres ainda são constantemente vítimas.

No terceiro momento, relacionado à “Cultura Negra”, o objetivo foi o de proporcionar as manifestações artísticas negras, africanas e afro-brasileiras, e seus questionamentos. A primeira ação foi a oficina “Brincando com Africanidades”, que pautou a infância e o brincar por meio de dinâmicas, como a imitação e a revisitação do jogo infantil “Escravos de Jó” sob a nova temática de “Guerreiras e guerreiros de Nagô”, sendo esta finalizada com a contação de uma história dos orixás Ibeji e a criação grupal de uma cena baseada em orixás. A segunda oficina foi a de “Bonecas Abayomi”, que, de acordo com o facilitador, foram bonecas criadas pelas negras escravizadas, com pedaços de pano em nós, para seus filhos nos navios negreiros, sendo esta arte uma demonstração de resistência.

Por último, ocorreu o dia de apresentações artísticas chamada “ArteAfrocentrada”. Primeiramente foi realizada a apresentação “Adjokè e as palavras que atravessaram o mar”, mostrando, por meio de vivências, as influências vocabular, culinária e musical africanas na cultura brasileira. Depois ocorreu a encenação do solo “O Último Voo da Andorinha”, no qual este representa a passagem e a dialética morte-vida do/no corpo ancestral preto.

3 MÉTODO E DISCUSSÃO DAS VIVÊNCIAS

Para a obtenção desses dados, foi utilizada a metodologia de registro em diário de campo dos acontecimentos e das falas espontâneas dos participantes de todas as atividades realizadas, demonstrando que o projeto envolveu a colaboração de 19 facilitadores e facilitadoras em sete diferentes ações, entre os meses de maio e junho, diversificando o público entre acadêmicos, docentes e discentes, e/ou membros de movimentos sociais. Todos receberam declarações por suas participações, sem retorno financeiro.

Na análise desses dados, que ocorreu por meio de reuniões de discussão entre o bolsista e a professora coordenadora, destacaram-se três conjuntos temáticos, a saber: “infância, racismo e reconhecimento da negritude”, “universidade, pertencimento e empoderamento” e “afetividade e solidão da pessoa negra”.

Nas diversas atividades, com frequência e de forma direta ou indireta, percebeu-se o racismo nas discussões promovidas sobre as experiências na infância, mesmo não sendo percebido e nomeado como tal naquele momento, e a sua influência no processo de construção da identidade dos sujeitos negros, sendo, além de construtor valorativo identitário, um fator importante para compreender processos de adoecimento dessas pessoas. No processo histórico, que é atravessado pelo longo e cruel período de escravidão brasileira, os estereótipos acerca do negro (“fedorento”, “forte”, “animal”, “preguiçoso”) e de sua cultura (“demoníaca”, “exótica”, “distante”) transpassam diretamente para preconceitos atuais. Malaquias *et al* (2016) afirmam que o racismo é talvez a conserva cultural mais antiga e cruel que existe em se tratando de conservas relacionais, pois empobrece os vínculos humanos, segrega as pessoas umas das outras e, o que é pior, delas mesmas. Apesar do benefício no sentido de aprendizagem dos padrões culturais, a conserva se coloca como empecilho quando se cristaliza, determinando padrões comportamentais, valores e formas de agir socialmente que podem automatizar o homem.

Na linearidade histórica, a hierarquia de certos grupos brancos sobre outros grupos (como africanos e indígenas) é uma herança perpassada, sendo internalizada como papéis privilegiados e merecedores e como papéis desvalorizados e desmerecedores,

respectivamente. Essa condição atravessa a afetividade da pessoa negra, que pode ser exemplificada nas constantes objetificações do corpo negro pela mídia e redes sociais, como o mito do preto “hiperdotado” (homem negro com pênis grande) e da “mulata exportação” (mulher negra clara com traços finos). Esses discursos com extrema apelação sexual se concretizam nas relações interpessoais, nas quais as pessoas negras são postas à distância dos contatos considerados românticos.

Como instrumento de protagonismo e “revolução”, Malaquias *et al* (2016) pontuam que “o Psicodrama inspira a luta contra os fantasmas e o rompimento das algemas da repetição socioemocional, convocando todos ao processo de criação de uma nova era. Incita a nós, homens e mulheres de nosso tempo, ao protagonismo de nossa história, profetizada em sua Revolução Criadora” (p. 94).

O outro conjunto temático corresponde ao ambiente acadêmico. Relatado ambigualmente, a universidade é um lugar que remete ao sentimento de não-lugar e às relações adoecedoras com professores, que ainda exercem um poder simbólico desproporcional, assim como à possibilidade de empoderamento, principalmente quando as pessoas negras encontram algum grupo ou coletivo que permita compartilhamento de experiências entre os membros, associados tanto à qualidade político-social desses agrupamentos, como à característica identitária desses movimentos. Bell Hooks (1999, p. 204 *apud* SANTIAGO, 2014) traz uma importante afirmação: “A academia não é o paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “LABRI no Bosque”, por meio das suas ações, proporcionou levantar questionamentos sociais, políticos e emocionais sobre as experiências dos facilitadores e participantes acerca da negritude, permitindo, com isso, coletar informações importantes que podem ser úteis ao saber e ao fazer da Psicologia. A infância e a construção da identidade, os processos de saúde-doença na universidade e as questões sobre afetividade e solidão da pessoa negra são dados ricos e importantes para futuras intervenções. Para potencializar ações

como essas, fazem-se necessárias a construção e a divulgação de estudos como este, facilitando, com isso, o ponto chave deste trabalho: mobilizar a Psicologia e suas abordagens, por meio da tríade ensino-pesquisa-extensão, sobre o racismo como um fator de risco para a saúde da população negra.

REFERÊNCIAS

FONSECA FILHO, José de Souza. *Psicoterapia da Relação: elementos de Psicodrama contemporâneo*. São Paulo: Ágora, 2000. 404p.

MALAQUIAS, Maria Célia et al. Psicodrama e relações raciais. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 2, n. 26, p.91-100, 2016.

SANTIAGO, Mayara. Adoecimento de estudantes negros e o papel da Psicologia. **Géledes**, 17 março 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/adoecimento-de-estudantes-negros-e-o-papel-da-psicologia/>. Acesso em: 08 set. 2017.